

Significados de Corpo na Performance Musical: o corpo como veículo de expressão da sensibilidade

Patrícia Pederiva
Universidade de Brasília / Universidade Católica de Brasília
e-mail: pat.pederiva@uol.com.br

Afonso Galvão
Universidade Católica de Brasília
e-mail: agalvao@pos.ucb.br

Sumário:

Esta pesquisa focalizou a relação músico-corpo-instrumento no contexto ensino-aprendizagem de uma escola de música em Brasília, D.F. Teve como objetivo explorar os diversos significados de corpo na perspectiva de professores. Foram entrevistados em profundidade 10 professores de instrumentos musicais variados que lecionam para diversas faixas etárias, predominantemente adolescentes. Além disso, 3 entrevistas de grupo focal foram também conduzidas. Os participantes foram nomeados pelo instrumento que tocam. As metáforas que emergiram revelaram diversos “estados do corpo” no contexto ensino-aprendizagem de instrumentos musicais, que podem auxiliar na compreensão dos modos pelos quais o corpo é vivenciado neste contexto.

Palavras-Chave: música; corpo; performance.

As Metáforas do corpo: o “corpo-músico”

Os participantes desta pesquisa se utilizaram de algumas metáforas para defini-lo. Assim, tivemos corpo-instrumento, corpo-mente, corpo-base, corpo-organismo, corpo-sujeito, corpo-emoção, corpo-cultura e corpo-objeto. A metáfora é muito mais do que uma característica da linguagem. Greiner (2005) afirma que o sistema conceitual dos seres humanos é naturalmente metafórico, quer dizer, uma maneira de estruturar, em parte, uma experiência em termos de outra. O processo de conceituação envolve transporte de informações, sendo esse de natureza metafórica. Desse modo, conceitos não são somente matérias do intelecto, “governando” até mesmo nossas funções cotidianas.

O estudo das metáforas também serve como suporte para o entendimento do corpo e de suas relações com o ambiente, os sujeitos, a consciência, a linguagem e o conhecimento, que, segundo a autora, estão sendo rediscutidos e redimensionados na contemporaneidade, assim como o sentido da vida, a noção de evolução e de estar no mundo.

Corpo-instrumento

Os participantes desta pesquisa se utilizaram de algumas metáforas para defini-lo. Assim, tivemos Corpo-instrumento é a metáfora referente ao resultado e ao produto. Gonçalves (2002) sustenta que o “corpo-instrumento” é alienado pelo processo de produção, que o torna também produto de consumo. Ao longo do tempo, a manipulação do corpo foi assumindo graves proporções, principalmente com o desenvolvimento da tecnologia e a expansão do sistema capitalista. Os movimentos corporais tornaram-se instrumentalizados, como na indústria, que dissocia os movimentos corporais em partes isoladas para aumentar a produção.

As falas relativas ao “corpo-instrumento” sugerem que o corpo é um objeto mecânico que deve ter o máximo de eficiência e rendimento, no menor tempo possível. O corpo existe em função

do instrumento e deve responder adequadamente às necessidades específicas da técnica do instrumento. Aí parece existir uma mentalidade mecanicista que se organiza em função da produtividade musical. O “corpo-instrumento” aparece como ferramenta que contém engrenagens, os músculos, que executam mecanicamente o instrumento musical. “Eu adoro usar essa palavra, gabarito, porque eu acho que é isso mesmo, você tem uma forma e que você tem que encaixar naquela figura, então, seja o papel mais difícil do professor... ensinar como usar o corpo para tocar flauta.” (“Flauta”).

Corpo-mente

Corpo-mente é a metáfora do corpo cartesiano, quer dizer, do corpo cujas ações são comandadas pela mente. Para Descartes (Damásio, 1998) há separação entre o corpo e a mente, entre a substância corporal e a mental. O juízo moral, a dor física ou as emoções existiriam de modo independente do corpo. Haveria separação das operações mentais e da estrutura e funcionamento do organismo biológico por outro.

Aqui, emerge a idéia da velha dicotomia “mente-corpo”, que aparece no contexto do discurso dos participantes. A compreensão do mundo e das coisas advém da razão. O órgão da razão, o cérebro, que parece, pelas falas dos professores, existir fora de um corpo, controlaria o corpo, intermediário no contato com o mundo. O corpo “não tem importância”, já que os sentidos, nessa concepção, seriam enganosos. Mesmo no contexto da aprendizagem musical, em que vários dos sentidos – visão, audição e tato – são extremamente importantes no processo de aprendizagem, esses não são sequer mencionados. “O corpo... vai ser a partir da movimentação e do uso do corpo... claro que parte da mente em primeiro lugar... a mente controla o corpo...” (“Violão”).

Corpo-base

Corpo-base é o corpo da aprendizagem, já que é um corpo reconhecidamente pelos professores, pelo menos teoricamente, como “parte” importante no processo ensino-aprendizagem. A dimensão mental e física parece estar em destaque, sugerindo um estado corporal, no qual emoções não estão em evidência. Para Assman (1998), a aprendizagem possui uma inscrição corporal. Essa teria o corpo como referência fundante. O conhecimento se instaura como um aprender, mediado por movimentos internos e externos da corporeidade.

Os professores entendem o corpo, em sua dimensão física, como a base para que a aprendizagem se torne sólida e duradoura. Os entrevistados comparam o aprendizado musical no instrumento com a construção de um prédio, em que o corpo físico seria a base. Também expõem que o corpo, em sua dimensão física, seria o foco principal na aprendizagem do instrumento, já que sem esse nada aconteceria. Parecem crer que sem corpo não há música, quer dizer, produção e expressão musical. Assim, o corpo, em sua dimensão física, seria o elemento chave na aprendizagem da execução musical. “O corpo é tudo. Meu foco é o corpo. Ele é fundamental, sem corpo não há música, não há instrumento, não há nada.” (“Harpa”).

Corpo-organismo

A metáfora do corpo-organismo, segundo Greiner (2005), é uma metáfora chave para compreender muitos fenômenos do mundo, tais como organismo social, organismo político. O organismo seria um princípio de conhecimento, um fundamento original que permite discutir fenômenos particulares manifestos nos comportamentos. Desse modo, funciona como um instrumento metodológico e teórico, que possibilita entender como certo fenômeno torna-se um fato identificável. Ele explica o vivo, ajuda a organizar, distinguir e distribuir os diversos segmentos do saber, e os direciona para uma ação ou objetivo.

O conceito de corpo-organismo abrange significado de um corpo holístico, que inclui diversos aspectos, seja físico, emocional ou mental. Essa noção revela o corpo como um organismo

complexo, que engloba desejos, emoções, necessidades biológicas, em que todos os dispositivos que participam da aprendizagem encontram-se interligados.

Todos os movimentos são comandados por um ou vários dispositivos. Cerebral, emocional é tudo ligado... eu sinto falta de entender um pouco mais sobre a relação mente-corpo. Não é o corpo, o corpo é resultado de como a pessoa conduz tudo aqui dentro... esse equilíbrio mente-corpo que dá força no ponto certo. (“Violoncelo”)

Corpo-sujeito

Corpo-sujeito é a metáfora do corpo reconhecido como individualidade, em que a subjetividade é parte integrante do processo de aprendizagem (Lima, 1995). Para Santaella (2004), o pensamento ocidental, durante vários séculos, foi dominado pelo “penso, logo existo”, o cogito cartesiano. Objeto e sujeito habitariam lados opostos. A modernidade filosófica foi fundada por esse sujeito racional – senhor de seu pensamento e ação –, que permanece presente até os dias atuais nas principais teorias ocidentais.

A noção corpo-sujeito enfatiza a idéia de um corpo que contempla a existência de uma individualidade que o habita. Esses professores falam da existência de um “Eu” corporal, uma identidade que é revelada a partir do conhecimento do próprio corpo e de si mesmo, e que foge à regra do entendimento de um corpo alienado e moldado como, por exemplo, o corpo fabricado no espírito das academias. “O corpo é muita coisa, nossa! Bom, eu tenho uma referência no corpo, a psicanálise fala que o eu é corporal. O ego é corporal. Freud falava que o ego é fundamentalmente corporal (...) Seu corpo, não vai ser igual ao de mais ninguém, vai ser parecido.” (“Violão”).

Corpo: emoção, objeto, cultura

Essas significações sobre o corpo emergem com uma expressão cada qual no contexto do discurso dos participantes. Em “corpo-emoção” reconhece-se a dimensão emocional do ser humano. Um ser que possui medos, que sente alegrias e tristezas, que tem prazer, que sofre. Tais sentimentos teriam grande participação nesse processo. Ainda mais por envolver uma atividade de palco, onde o artista deveria desenvolver controle no âmbito das emoções, tal como um ator, por exemplo.

Para Damásio (2001), as emoções acontecem por meio de reações químicas e neurais e formam um padrão. Seu papel é conservar a vida, regulando e representando estados corporais. Fazem parte dos mecanismos biorreguladores com os quais os seres humanos nascem e visam à sobrevivência. Os sentimentos de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia, bem-estar ou mal-estar, ansiedade ou depressão são reações causadas pela emoção. Para o autor, o corpo é o “teatro das emoções”, considerando o meio interno, sistemas visceral e vestibular e músculo esquelético.

“Corpo-objeto” seria, então, um corpo “experimentável”, com eixos, medidas, passível de ser medido, pesado, dimensionado. Para Moreira (1994), o corpo-objeto é o corpo-pensado. É o corpo abstrato, “coisificado”, estudado pela ciência pelo paradigma cartesiano. Possui a obrigatoriedade de apresentar reações previsíveis, analisado pela lógica formal, em uma permanente relação de causa e efeito. Por meio dessa perspectiva, tem-se e conhece-se muito a respeito do corpo, mas não se “é” e nem se vive nesse e com esse corpo. Esse corpo possui coerentes discursos epistemológicos, mas lhe falta vida. É o corpo regido somente pelo pensar lógico-racional, em que não se podem cometer erros. É o corpo manipulável – que passa pela vida, mas não a experimenta.

“Corpo-cultura” um corpo que realiza sua vivência a partir de modelos sócio-culturais pré-determinados. Corpo-cultura é o corpo cujo comportamento é determinado a partir das normas vigentes nas diversas culturas ou contextos sociais. É a metáfora do corpo que se move ou que contém movimentos a partir de regras cultuadas em uma cultura. É a metáfora do corpo construído pelo processo civilizatório e disciplinador, (Crespo, 1990; Foucault, 2002). É o corpo da contenção, da retenção de emoções. Nesse caso, o prazer também é contido em função das regras de conduta.

Uma vez eu vi um violinista fazendo uma master class, e ele toca se mexendo todo, ele toca lindamente, afinado, som maravilhoso, e ele falou assim, gente, para os alunos, porque o músico de rock pode jogar os cabelos, pode pular, e a gente tem de ficar duro, parado, dança! Dança a música que você está tocando, joga o corpo para o lado que você acha que tem que jogar! Ele é muito estático, muito duro, ele tem medo de se entregar para o prazer que dá o que ele está fazendo, está muito preocupado em fazer certinho algumas coisas, dedo aqui, ali, assado, não sei que... é por causa da platéia, medo de errar, satisfação à platéia. (“Violoncelo”)

Reflexões finais

O significado de corpo para os professores de instrumentos musicais, desse modo, assume a forma de amplo espectro multifacetado. Um quadro teórico emerge então a partir do reconhecimento dos diversos corpos – instrumento, mente, base, organismo, sujeito, emoção, objeto e cultura –, abrindo possibilidades maiores de compreensão dos modos de lidar e vivenciar o corpo neste contexto.

Os significados de corpo revelados pelos professores reforçam a idéia de que os procedimentos aplicados pelos docentes em sua prática pedagógica estão intimamente relacionados com seu modo de conceituar ou significar o corpo. Assim, tudo indica que se não houver renovação de idéias que propiciem um repensar de conceitos e significados, parece não haver lugar para renovação da prática. Dessa maneira, sendo o corpo um objeto de estudo interdisciplinar, a disciplina musical necessita de novas interfaces.

Referências Bibliográficas

- Assman, H. (1998). *Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática*. 2 ed. Piracicaba: Unimep.
- Crespo, J. (1990). *A história do Corpo*. Lisboa: DIFEL.
- Damásio, A. (1998). *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das letras.
- . (2001). *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das letras.
- Foucault, M. (2002). *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 26 ed., Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, M. (2002). *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Papirus,
- Greiner C. (2005). *O corpo: pista para assuntos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume.
- Lima, L. (1995). In Filho L. (org): *Corpo-Mente: uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p.13-14.
- Moreira, W. (1994). O fenômeno da corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In Dantas, E. *Pensando o corpo e o movimento*. R.J: Shape. p. 53-60.
- Santaella, L. (2004). *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus.